

Ela só tinha deixado as crianças sozinhas um instante. Agora, seu carro se precipitava para o rio, sem ninguém no volante.

«MEUS FILHOS ESTÃO NAQUELE CARRO!»

WILLIAM M. HENDRYX





OS VENTOS de fevereiro uivavam do lado de fora da lavanderia quando Joy Warren levou o cesto de roupa para o carro. Com 37 anos de idade e mãe de sete filhos, tinha menos de 20 minutos para ir buscar dois deles na escola, em Fort Worth. «Vamos lá», disse ela para os mais novos. Faith, de 5 anos, saltou para o banco de trás da caminhonete modelo 78, logo seguida por Stephen, de 3. Joy apertou o cinto de segurança que prendia a cadeirinha de bebê de Esther,

de 4 meses, ao banco a seu lado. A cadeirinha ficava de frente para a janela de trás do carro.

Alguns meses antes, ladrões tinham arrombado o carro e avariado o mecanismo que impedia a mudança automática de sair da posição de estacionamento quando a chave não estivesse na ignição, mas como não havia dinheiro para o conserto, esse item não tinha sido contemplado no orçamento familiar. Joy e o marido, Bill, programador de computadores, faziam todos os esforços

possíveis para conseguir que os filhos frequentassem a Academia Calvary, um colégio particular.

«Vamos chegar atrasados», comentou Joy com os filhos 20 minutos depois, quando o velho carro começou a subir a íngreme ladeira que conduzia ao colégio. Do lugar onde parou o carro, na extremidade mais afastada do parque de estacionamento, Joy via a avenida do Parque Florestal Norte, cerca de 150 m abaixo, uma artéria de trânsito intenso, e, logo a seguir, o rio Trinity.

«Fiquem quietinhos aí que a mãe já vem», disse ela a Faith e a Stephen. E acrescentou: «E tomem conta da Esther, está bem?» Não gostava nada de ter de deixar as crianças sozinhas, mas a bebê estava dormindo profundamente e era verdade que ela não ia demorar nada.

Atravessou os 40 m que a separavam da entrada do colégio, e ali teve de esperar que Adam e Lori aparecessem. «Estão demorando demais», pensou. Queria voltar para o carro o mais depressa possível.

Quando finalmente saiu apressada pela porta, seguida dos dois, percebeu que o porta-bagagem cromado do teto de seu carro lá longe estava se movimentando. «Oh, meu Deus!» A caminhonete havia-se deslocado para fora do parque e avançava para o campo gramado e arborizado mais abaixo. «Isso não pode estar acontecendo!»

Com o coração aos pulos, Joy saiu correndo atrás do veículo, mas este foi ganhando velocidade e a distância entre ela e seus três filhos me-

nores cresceu. Enquanto corria pela ladeira abaixo, reparou que sua filha de 5 anos estava sentada no banco do motorista, obviamente tentando parar o carro.

Continuou na perseguição, vindo como, miraculosamente, o carro conseguia evitar árvore após árvore. Poucos segundos depois, ele atravessava correndo o estacionamento inferior do colégio, raramente utilizado, sem bater nos postes de iluminação. Depois, descrevendo uma curva fechada, entrou pela avenida do Parque Florestal Norte, de quatro faixas de rolamento. Como um trem desgovernado, a caminhonete mergulhou por cima de um bueiro aberto e, com um baque agudo, atingiu a faixa de trânsito em meio à hora do *rush*.

SERET GOMEZ, uma mocinha *mignon* de 17 anos, e seu colega de turma, Daniel Whitehead, de 16 anos e porte atlético, estavam parados ao lado do carro de Daniel quando repararam na caminhonete que corria, avançando 50 m abaixo deles, perseguida, a mais de 30 m, por Joy. «Está indo para a auto-estrada», assombrou-se Daniel, e disse para Seret: «Vem comigo.»

Fazendo uso de sua velocidade de atleta, ele pegou Joy quando esta hesitava junto da avenida. «Tem alguém dentro do carro?», perguntou ao passar correndo por ela, seguido de perto por Seret.

«Meus filhos! Meus filhos estão naquele carro!», arquejou Joy.

Quando a caminhonete irrompeu

correndo pela avenida, o ar foi cortado pelas freadas dos outros carros que nela circulavam em ambos os sentidos e tinham de se desviar. A caminhonete atravessou as duas primeiras pistas a grande velocidade, passou por cima do divisor central por um espaço aberto entre as árvores e chispou através das duas faixas onde o trânsito se deslocava para sul. Não sofreu um único arranhão.

«Graças a Deus», suspirou Joy. Mas seu alívio foi logo cortado. O carro, que corria agora a mais de 50 km/h, enfrentava um perigo muito maior. «Está indo para o rio!»

Não sabendo nadar, Joy sentiu-se impotente ao ver a caminhonete descer a margem e atirar-se de uma altura de 1 m. Com as rodas ainda girando, avançou cerca de 6 m, antes de bater na água fria e lamacenta com um baque ensurdecedor.

«Deus os ajude!», suplicou Joy silenciosamente. «Quem é que vai salvá-los agora?»

DANIEL atravessou correndo a avenida. Nesse momento, o trânsito já fluía normalmente. Foi tirando o casaco, enquanto se aproximava da margem do rio.

Lá, parou, observando a caminhonete inclinada, com a frente para baixo, num perigoso ângulo de 45°. No interior, viu Faith e Stephen, de olhos esbugalhados, escalando o banco de trás para ficarem mais no alto.

Sem pensar, mergulhou de cabeça no rio. Embora participasse normalmente de competições de es-

qui aquático, surpreendeu-se com o frio e a força da corrente. Alcançou o carro em algumas braçadas e pôs a mão na maçaneta da porta da frente, do lado do passageiro, mas a água já estava a 10 cm do vidro da janela e a porta não abria.

Percebeu então a presença de um estranho, de barbas, a seu lado. O homem estava tentando abrir a porta traseira do carro, que a corrente puxava cada vez mais para o fundo. «Vamos ter de quebrar a janela», gritou Daniel.

DOIS MINUTOS antes, o motorista de caminhão Charles Womack, o Skip, de 35 anos, fazia seu veículo de 18 rodas descrever uma curva na avenida, quando a caminhonete de Joy atravessou a pista à sua frente como um dardo. Ele acendeu correndo suas luzes de emergência e parou o caminhão, no momento em que a caminhonete mergulhava na água.

Saltou da cabine e viu um rapaz atravessar rapidamente a avenida, à sua esquerda. Correu a seu lado para a margem. Atrás de si ouvia os gritos de uma mulher: «Meus filhos! Por favor, salvem meus filhos!»

Mergulhou de pé, entrando na água logo depois de Daniel. A água gelada inundou suas botas altas, e suas calças *jeans* começaram a pesarlhe como chumbo. Quando viu Faith e Stephen abraçados no banco traseiro do carro, só teve um pensamento: «Se eu não conseguir tirá-los dali, eles se afogam!»

Só vagamente consciente de que Daniel estava ali ao lado, Skip agar-

rou-se à porta da traseira, mas ela estava trancada. Reparando numa abertura de 10 mm na janela, conseguiu, a muito custo, meter um pouco seus dedos grossos de trabalhador pela ranhura e tentou puxar o vidro para baixo. A janela não cedeu, mas Daniel, com os seus, bem mais finos, conseguiu fazê-lo. Com um violento esforço, os dois quebraram o vidro em centenas de cacos.

«Venham!», disse Skip para Faith e Stephen. «Temos de tirar vocês daqui!» O carro se afundava depressa. Com os rostinhos apavorados, as crianças avançaram rapidamente para a janela aberta. Segurando-se ao carro com uma das mãos, Daniel meteu o outro braço pela janela e, pegando Faith por baixo de seu braço esquerdo, ergueu-a para fora do carro. «Ela parece estar em estado de choque», pensou, enquanto tentava mantê-la à tona d'água. Daniel se afastou do carro para criar espaço para o salvador seguinte. Foi nesse instante que reparou em Seret, perto da porta da frente. Ela o tinha seguido até dentro d'água.

ATRÁS de Daniel, a poucos passos dele, Seret se havia lançado à água, não batendo por pouco nos calcanhares do colega. Engoliu grande quantidade de água barrenta.

Chegou à caminhonete no momento em que Daniel e Skip tiravam Faith. Lá dentro, ela viu os olhos de Stephen que, muito abertos, a fixavam. «Ótimo, ele sabe que estou vindo para pegá-lo.»

Daniel segurou Faith e colocou-a

às costas, com os pequeninos braços à volta de seu pescoço. Depois se dirigiu para a margem, mas a corrente era forte demais e ele resolveu nadar a favor dela, conseguindo chegar à margem num ponto mais abaixo. Lá, passou a pequena para os braços da ansiosa mãe. Joy Warren despiu seu casaco e envolveu Faith com ele, enquanto Daniel era ajudado a sair da água por um espectador.

Quanto a Seret, ela havia conseguido deslocar-se, centímetro a centímetro, ao longo do carro até chegar a Stephen. Fixando o pé contra a porta, agarrou o menino pelo braço, puxando-o para fora do carro pela janela. Depois, segurou-o sob o braço e começou a se afastar lentamente da caminhonete, mas a carga de 13 kg que transportava era mais pesada do que previra. Esforçou-se para manter a criança e sua própria cabeça à tona. «Tenho de conseguir», torcia ela. Foi nesse momento que, vinda do nada, surgiu outra pessoa a seu lado.

ALLAN MCGINNIS, instalador de telefones, de 43 anos, vinha pela avenida quando reparou na multidão apinhada à beira do rio. Diminuiu a marcha de seu furgão e viu um carro dentro d'água com uma adolescente ao lado. Saltando rápido, ele, que era veterano da guerra do Viet-Nam e tinha 1,90 m, mergulhou também nas águas.

Com os treinos de saltos na água que tinha recebido quando era pára-quedista, logo chegou junto de Seret e de Stephen. Tirando-lhe o menino

das mãos e mantendo-o ao lado do corpo, Allan se esforçou para chegar à margem, batendo apenas as pernas e nadando com o braço esquerdo. Depois, passou Stephen a um circunstante, subiu na margem e desmaiou.

Sozinho na água, Skip Womack orou em silêncio: «Meu Deus, me ajude.» Através do pára-brisa conseguia ver a bebê presa ao banco da frente com a água lhe chegando às pernas. Projetou repetidamente o punho fechado contra a janela da frente com toda a força, mas foi inútil. Se queria salvar aquela criancinha, só havia um modo de fazê-lo: pela janela de trás.

Teria de engatinhar para dentro da caminhonete que afundava.

EM SUA velha picape, a caminho de seu escritório na Southwest Roofing Co., Rodger Brownlee, de 46 anos, tinha acabado de fazer uma das curvas da avenida do Parque Florestal do Norte quando viu um amontoado de gente e uma caminhonete semi-afundada nas águas do rio. Um homem de barbas batia o punho fechado na janela da frente, do lado dos passageiros.

Rodger hesitou. «Já tem tanta gente ali...», pensou. Mesmo assim, encostou o carro e correu em direção ao rio. O homem que esmurrava a janela já estava engatinhando para dentro da caminhonete.

«Se o carro for ao fundo, aquele sujeito vai ficar numa pior», raciocinou ele. Descalçou as botas e atravessou correndo a margem do rio,

mergulhando nas águas. Poucos momentos depois, estava junto do carro, mas não se atreveu a pegar em nada. Receava que, ao mínimo toque, o carro afundasse. A única coisa de Skip Womack que conseguia ver eram suas pernas e pés.

Skip tinha conseguido passar pela janela traseira. Dentro do carro, pôs a mão no encosto da cabeça do banco da frente e passou-se para a frente.

Ali, à distância de seu braço, estava Esther, que o olhava com uns olhos muito redondos.

«Dê-me forças, Senhor!», rezou Skip ao sentir o carro afundar-se um pouco mais. Com o encosto de cabeças dolorosamente de encontro a seu peito e o coração aos saltos, tentou abrir o fecho do cinto de segurança do carro, mas ele não cedeu. Tentou arrebentar o cinto à força. Ouviu um estalo, mas a correia também não cedeu. Então, desistiu e fez força para afastar a correia de Esther o suficiente para conseguir fazer passar seu pequenino ombro por baixo dela. Libertou a criança.

Com a mão esquerda, pegou-a por seu macacãozinho amarelo, ergueu-a no ar por cima do banco e começou a passar a parte superior de seu corpo pela janela, centímetro a centímetro. Quando já estava suficientemente fora do carro, voltou-se e segurou a bebê acima da água. Esgotado, já só lhe restava esperar que houvesse alguém ali para pegar Esther.

Do lado de fora da janela, nadava um homem louro. «Segura aqui», gritou Skip para Rodger Brownlee. Agarrando na roupa da criança, Rod-

ger prendeu a bebê sob seu braço, de rosto para cima, e começou a se afastar do carro.

Quando sentiu finalmente que os pés tocavam em terra firme, já arfava. Nadar através da corrente com um braço apenas, enquanto mantinha a cabeça da bebê à superfície, tinha-o deixado esgotado. Lutando para se manter em pé, passou a criança a um desconhecido que estava à espera dela. Outro estendeu-lhe a mão e ajudou-o a sair da água. O primeiro desconhecido atravessou a multidão para entregar a criança à sua mãe. Joy apertou a filha com força contra o peito, murmurando uma silenciosa prece de agradecimento.

Quando Rodger Brownlee assentou os pés em terra firme, voltou-se e viu que Skip Womack se encontrava poucos metros atrás de si. Ajudado por três outras pessoas, Rodger auxiliou-o a subir na margem.

Tentando recuperar o folego, os dois viraram-se para trás a tempo de verem a velha caminhonete dar repentinamente uma volta de 180° e desaparecer sob as águas.

Nesse preciso momento, o carro n.º 2 dos bombeiros de Fort Worth parou junto deles, com os freios guinchando. Eram 15.38. Tinham-se passado exatamente 6 minutos desde que a caminhonete havia iniciado sua descida mortal.

EMBORA Faith estivesse visivelmente abalada, nem ela nem Stephen apresentavam ferimentos. Esther, firmemente segura nos braços da mãe, foi levada de ambulância para o hos-

pital, onde, após tratamento a um machucado ligeiro no couro cabeludo, lhe foi dada alta. Pouco depois, Bill Warren, o marido de Joy, foi buscar a família para levá-la para casa.

Após breve entrevista com a polícia e com os bombeiros, Skip, Rodger e Allan seguiram seus caminhos. No meio da cidade, Skip começou a tremer tão violentamente que teve de parar o caminhão num acostamento. Pensou na mulher e nos três filhos, e quão perto tinha estado de deixá-los. Pensou no milagre que tinha vivido e em como três crianças inocentes ainda estavam vivas porque cinco desconhecidos estiveram no lugar certo e na hora certa.

«Foi Deus quem nos deu as forças necessárias para tirá-las dali. Foi Ele quem fez que não nos preocupássemos com nossas vidas para salvar as delas», diz Skip hoje.

No domingo seguinte, a catedral do Calvário homenageou os cinco salvadores no serviço matinal com um sermão sobre o bom samaritano. Três meses depois, no dia 12 de maio de 1992, o departamento de bombeiros de Fort Worth homenageou publicamente os atos altruístas dos cinco numa cerimônia realizada em frente à prefeitura.

«Deus deve ter um motivo muito forte para estas crianças estarem aqui hoje», diz Joy Warren, com os olhos cheios de lágrimas, enquanto olha para Faith, Stephen e Esther. «Se Ele nos dá um filho, é porque tem qualquer coisa reservada para ele. Deve haver algo de muito especial reservado para estas minhas três crianças.»